

O SERTÃO EM DISPUTA: A PAISAGEM OPERACIONAL E AS PAISAGENS DA RESISTÊNCIA EM IMAGENS (ST9)

Patricia Fernanda de Sousa Cruz

UFRGS - PROPUR | patriciascruz@gmail.com

Gabriel Silva Fernandes

UFRGS - PROPUR | arq.gabrielfer@gmail.com

Gustavo de Oliveira Nunes

UFRGS - PROPUR | gustavohnunes@msn.com

Lucas Boeira Bittencourt

UFRGS - PROPUR | lboeirab.arq@gmail.com

Paulo Reyes

UFRGS - PROPUR | paulo.reyes@ufrgs.br

Sessão Temática 9: Cidade, história e cultura em disputa

Resumo: Este artigo se detém sobre as paisagens em disputa do Sertão brasileiro. Através do método da montagem, partimos das imagens do lugar para problematizar dois tipos de paisagens: a operacional, marcada pela urbanização hegemônica, e as da resistência, caracterizadas pelos modos de vida cotidianos que dissonam ao referido modelo. O problema se dá em função da urbanização impor um código hegemônico social e cultural que apaga as singularidades dos lugares por onde passa. Nosso objetivo, então, é refletir sobre modos de vida que escapam a essa homogeneização. Para isso, dividimos o texto em três momentos: no primeiro, problematizamos o Sertão e sua descrição enquanto lugar de ausência e vazio; no segundo, evidenciamos nas imagens do Sertão os signos que constituem uma paisagem operacional; no terceiro, tensionamos algumas imagens, a partir de um repertório de práticas locais, encontrando nelas dissonâncias que configuram as paisagens da resistência no Sertão. Esperamos, assim, abrir espaço para os territórios comumente ignorados e marginalizados no campo dos estudos urbanos e regionais, ampliando os modos de pensar e fazer a história urbana.

Palavras-chave: Sertão; paisagem operacional; paisagens da resistência; montagem.

THE SERTÃO IN DISPUTE: THE OPERATIONAL LANDSCAPE AND THE LANDSCAPES OF RESISTANCE IN IMAGES

Abstract: *This article focuses on the contested landscapes of the Brazilian Sertão. Using the montage method, we start from the images of the place to examine two types of landscapes: the operational, marked by hegemonic urbanization, and the landscapes of resistance, characterized by everyday ways of life that deviate from the aforementioned model. The problem arises because urbanization imposes a hegemonic social and cultural code that erases the uniqueness of the places it touches. Our goal, therefore, is to reflect on ways of life that escape this homogenization. Thus, we divide the text into three parts: first, we discuss the Sertão and its description as a place of absence and emptiness; second, we highlight in the images of the Sertão the signs that constitute an operational landscape; third, we analyze certain images, drawing on a repertoire of local practices, uncovering dissonances that shape the landscapes of resistance in the Sertão. We hope, therefore, to open space for territories that are commonly ignored and marginalized in urban and regional studies, expanding the ways of thinking about and doing urban history.*

Keywords: *Sertão; operational landscape; landscapes of resistance; montage.*

EL SERTÃO EN DISPUTA: EL PAISAJE OPERATIVO Y LOS PAISAJES DE RESISTENCIA EN IMÁGENES

Resumen: *Este artículo se centra en los paisajes en disputa del Sertão brasileño. Utilizando el método de montaje, partimos de las imágenes del lugar para analizar dos tipos de paisajes: el operativo, marcado por la urbanización hegemónica, y los paisajes de resistencia, caracterizados por modos de vida cotidianos que disienten de dicho modelo. El problema surge porque la urbanización impone un código social y cultural hegemónico que borra las singularidades de los lugares por donde pasa. Nuestro objetivo, por lo tanto, es reflexionar sobre los modos de vida que escapan a esta homogeneización. Para esto, dividimos el texto en tres momentos: primero, problematizamos el Sertão y su descripción como un lugar de ausencia y vacío; segundo, destacamos en las imágenes del Sertão los signos que constituyen un paisaje operativo; tercero, tensionamos algunas imágenes, a partir de un repertorio de prácticas locales, encontrando en ellas disonancias que configuran los paisajes de resistencia en el Sertão. Así, se espera abrir espacio para los territorios comúnmente ignorados y marginados en el campo de los estudios urbanos y regionales, ampliando las formas de pensar y hacer la historia urbana.*

Palabras clave: *Sertão; paisaje operativo; paisajes de resistencia; montaje.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho se detém sobre as paisagens em disputa do Sertão brasileiro. Apesar de reconhecermos que ele "está em toda parte", como nos lembra o narrador de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, tomamos como um lugar-Sertão a Caatinga do Semiárido do Nordeste brasileiro, no estado do Piauí, para ancorar as nossas reflexões. Partimos de um arquivo empírico, oriundo da pesquisa de doutorado de Patricia Cruz (2023), que abarca registros fotográficos realizados durante suas caminhadas pelos trajetos do Sertão, passando ao longo de comunidades locais que se confundem com o horizonte aberto da Caatinga. Tais registros foram compartilhados e discutidos no âmbito do Grupo de Pesquisa CNPq POIESE Laboratório de Política e Estética Urbanas¹, o que deu origem à presente argumentação. Assim, lemos esses registros como imagens do lugar e problematizamos dois tipos de paisagens: a paisagem operacional, marcada pela técnica capitalista da urbanização e produção hegemônica do espaço, e as paisagens da resistência, marcadas pelos modos de vida cotidianos que dissonam e sobrevivem ao modelo hegemônico de urbanização.

A paisagem aqui é entendida como um agenciamento, em que coexistem visibilidades e discursividades que compõem um território (Deleuze; Guattari, 1995). Mais recentemente, Anna Tsing (2022) deu à ideia de agenciamento o nome de assembleia. Segundo ela, a assembleia "traduz o agenciamento do filósofo Gilles Deleuze, e isso apoiou diversas tentativas de abrir o termo para o social" (Tsing, 2022, p. 69). Desta forma, "assembleias são agrupamentos abertos. Elas nos permitem indagar sobre os efeitos comuns sem tomá-los como dados. As assembleias tornam visíveis os processos de constituição de outras histórias possíveis" (Tsing, 2022, p. 68). Dito isso, buscamos nas paisagens do Sertão essas outras histórias dissonantes, agenciamentos ou assembleias, que resistem ao modelo hegemônico de urbanização.

A imagem, por sua vez, é pensada enquanto "um ponto sensível exemplar da história" (Didi-Huberman, 2017, p. 96), ou seja, um subsídio filosófico, que excede o simples enquadramento do registro fotográfico em si, presentificando um conjunto de signos que permitem a apreensão e a reflexão da multiplicidade do território e seus agenciamentos. Assim, na esteira do pensamento de Walter Benjamin, trata-se de pensar imagens que estão longe do sentido de beleza e contemplação, tão caros à estética filosófica clássica, e sim de imagens frágeis e provisórias, que suscitam um olhar mais dedicado, para que se exponha, como lembra Jeanne Marie Gagnebin, "uma verdade esquecida e preciosa" (Gagnebin, 2014, p. 129) que porventura nelas se encontre. Diante de um Sertão amplo e em disputa, as imagens nos permitem avançar com o pensamento.

Compreendemos que o problema oriundo dessa pesquisa se dá em função de um modelo de urbanização que impõe modos hegemônicos, sociais e culturais, que apagam as singularidades dos lugares por onde passa. Tal modelo foi nomeado por Neil Brenner e Christian Schmid (2015) de "urbanização planetária". Para os autores, ela segue as macrotendências dos padrões de urbanização que, nos últimos 30 anos, intensificou um

processo particular de reestruturação urbana, com alguns elementos principais. Dentre eles, destacam-se a reestruturação e o reposicionamento das tradicionais “hinterlândias”, que dizem respeito às áreas “não urbanas”, rurais e interiores. Para Brenner e Schmid (2015), esse processo decorre das reconfigurações funcionais que facilitaram a expansão da industrialização, associando novos espaços às redes urbanas planetárias, o que inclui o que eles consideram como espaços “selvagens”, ou territórios extremos, frente às consequências socioecológicas das transformações urbanas.

Perante o fenômeno da reestruturação urbana, Neil Brenner (2018) afirma que a “não cidade” não pode mais ser vista como algo exterior ao urbano, uma vez que ela “vem se transformando em terreno estrategicamente essencial para a urbanização capitalista” (Brenner, 2018, p.319). Esses territórios passam a ser alvo dos sistemas de uso da terra em larga escala, numa lógica de exploração na qual a natureza é vista cada vez mais como “recurso”. Ao serem transformados em extensas zonas de infraestrutura industrial, esses territórios acabam por se tornar paisagens operacionais. Ou seja, acabam sendo transformados em espaços planejados, devidamente monitorados para operar a aceleração e intensificação da acumulação de capital no mercado mundial (Brenner, 2018).

Coexistindo às paisagens operacionais, partimos do pressuposto de que modos de vida cotidianos e dissonantes constroem outras paisagens no Sertão. Essas nos contam diferentes narrativas, para além daquelas oficiais que foram imputadas a esses lugares e suas gentes, raramente presentes nos estudos urbanos e regionais. Essas outras narrativas são baseadas em ritmos intimamente ligados a uma tradição que se constitui sobre a terra e sua aridez, sobre sua gente e suas práticas comunitárias, e, fundamentalmente, sobre a dimensão enigmática de um território marcadamente diverso e multifacetado que é o lugar-Sertão da Caatinga. Narrativa que tanto está presente no universo poético da literatura, quanto na oralidade, que escapa e sobrevive de voz em voz, de gesto em gesto e de hábito em hábito. Percebemos, então, uma tensão entre a imagem constituída no primeiro processo, chamada de paisagem operacional, e àquelas que a ela resistem, nomeadas de paisagens da resistência do Sertão.

Frente a essas duas paisagens, nossas linhas de argumentação seguem o rastro das seguintes inquietações: Por que o Sertão é tomado como um espaço a ser constantemente transformado e urbanizado, desrespeitando assim suas características locais? Como a urbanização planetária se torna visível na paisagem do Sertão? Quais são as paisagens em disputa nesses espaços e lugares frente a uma urbanização planetária? Nas paisagens do Sertão, o que resiste à lógica da urbanização planetária? As questões buscam respostas em decorrência da urgência de um olhar periférico — para além da noção hegemônica de urbanização e de cidade, com seus signos de modernidade e progresso — às experiências e aos territórios comumente atacados e tornados marginais pela urbanização e que são, também, ignorados pelo campo dos estudos urbanos e regionais. Tal desatenção tem dado brecha para uma construção histórica que descreve esses territórios como lugares de

ausência e supostamente vazios. Afirmar e sustentar as paisagens da resistência realiza uma torção nessa lógica, o que justifica nosso objetivo, que é refletir sobre modos de vida que escapam a essa homogeneização operada pela urbanização, na tensão entre a paisagem operacional e as paisagens da resistência do Sertão.

Para ancorar a nossa reflexão, recorreremos ao método da montagem, na perspectiva de Walter Benjamin (Benjamin, 2018; Löwy, 2005). Trata-se de um raciocínio associativo que permite pensar através de imagens, pautado na ideia de uma "imagem dialética". Esta carrega em si rastros de conflitos que estão imersos em nosso tempo presente, funcionando enquanto dispositivos que convocam a pensar a história, a política e os diferentes modos de vida que tecem nossa cultura. Como afirma Jeanne Marie Gagnebin (Garber; Gagnebin, 1992), seria precipitado esperar de Benjamin, a despeito de um método seguro e confortável, um corpo teórico positivo e sem ambiguidades. Ao invés disso, o que o autor nos oferece é a tentativa de uma formulação teórica que sirva para pensar contextos extremos. Ao que nos parece, serve muito bem à proposta aqui esboçada. Desse modo, o método da montagem nos direciona um raciocínio posto em movimento pelas imagens do Sertão, operando na associação de fragmentos dispersos. Assim, os "cacos da história"² do Sertão, aqueles pedaços dispersos no solo do semiárido, são como pedras do meio do caminho da produção hegemônica do espaço, podendo servir como preciosos rastros para pensar e reafirmar territórios estigmatizados na imediatez do presente sertanejo.

Nas notas deixadas por Benjamin (2018), a imagem dialética nunca é um passado emoldurado, mas ela está sempre em ato; mais do que uma configuração, é um caminho de leitura e funciona, aqui, como um modo de operar com as imagens do Sertão. Ela se mostra na interpenetração crítica do passado e do presente, numa sobreposição de camadas históricas, causando um embaralhamento. Ela é visível enquanto montagem, ou seja, uma configuração, mesmo que provisória, na qual visibilidades e discursividades se agenciam no horizonte, insinuando através do contraste mútuo paisagens em disputa. Nesse processo, a imagem dialética faz o passado incidir sobre o presente, não enquanto gesto de sucessão cronológica, mas na capacidade de atentar para aquilo que jaz no presente, ou seja, o passado que reside no presente enquanto resíduo e sobrevivência. Ela é dialética em suspensão porque é uma fratura, um momento de organização, sobre o qual o pensamento (do historiador, do urbanista) se dedica.

Nas imagens do Sertão que propomos pensar neste texto, portanto, a tensão entre duas lógicas distintas na composição da paisagem é possível de ser compreendida através da montagem. O sentido de nossa argumentação sustenta-se, justamente, na exposição contrastante dessas duas paisagens em montagem. Ela nos mostra na evidência do horizonte, ou seja, nos signos que estão presentes nas imagens, aquilo que subsiste enquanto resíduo, uma pequena pedrinha, e que consiste na exigência de uma sobrevivência histórica, política e cultural do horizonte do Sertão em sua leitura com o urbano.

Dito isso, partimos das imagens e dividimos o texto em três seções. Na primeira, apresentamos o Sertão e problematizamos sua construção enquanto lugar de ausência e vazio. Tal construção histórica tem sido uma justificativa para a urbanização hegemônica, que se dá à nível planetário, incidir sobre a região do semiárido. Na segunda, buscamos evidenciar nas imagens do Sertão os signos que configuram uma paisagem operacional, tornando visível a urbanização planetária. Por fim, na terceira seção, tensionamos esse modelo de urbanização a partir de um repertório de práticas locais, a fim de encontrarmos suas dissonâncias que dão a ver as paisagens da resistência. A contribuição deste estudo em seus três movimentos realizados, com e pelas imagens, abre espaço para os territórios e as paisagens comumente ignoradas e marginalizadas no campo dos estudos urbanos e regionais. Ademais, a escolha metodológica aqui realizada serve também como objeto de reflexão para ampliar os modos de pensar e fazer o urbano, aproximando-nos da filosofia crítica benjaminiana.

O SERTÃO COMO VAZIO

Imagem 01: O Sertão.



Fonte: Cruz (2024).

Um céu anuncia “a tardezinha caída no alaranjado da hora”³. Compondo esse horizonte na imagem, a Caatinga seca, em seu tempo de recolhimento, com suas espécies nativas, como os mandacarús e favelas⁴, contrastam com o entardecer. Dividem o mesmo céu essas

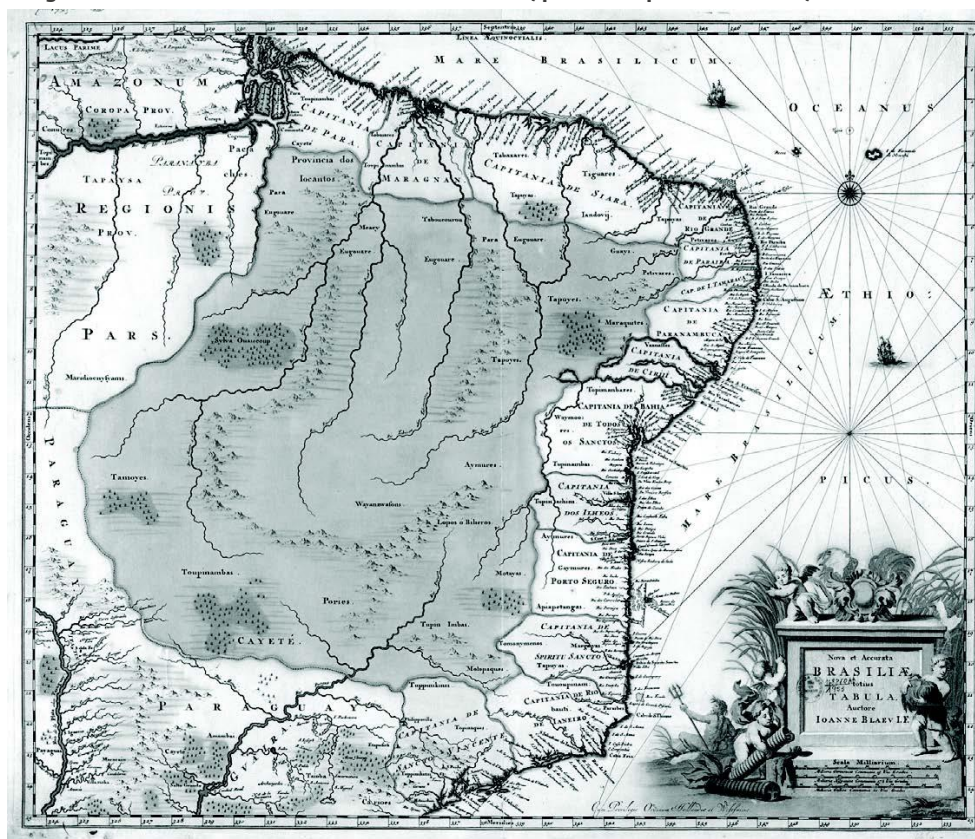
espécies de “raízes aéreas”, o sol se pondo e a lua quase cheia. É nessa hora, em que a noite abraça o dia, que tocamos a dimensão do mistério que encobre o Sertão.

A imagem remete a um imaginário social e cultural de Sertão — aquele que é tido como desconhecido, longínquo, fora da lei, atrasado, isolado, incivilizado, isto é, que sempre foi designado no sentido das distâncias e das ausências. Essa ideia de Sertão nos faz retornar à etimologia da palavra, que como nos lembra Antônio Filho (2011), apresenta origens e significados diversos, induzindo, muitas vezes, ao uso inadequado ou impreciso. Sabemos que o vocábulo “Sertão” chega com o colonizador e que já é retratado na carta de Pero Vaz de Caminha como “áreas de floresta próximas ao mar”. O *sartaam*, como assim o denominou, tratava de uma faixa de terra interior e extremamente vasta que, não podendo ser percebida da costa, não se podia alcançar com a vista. Restava, então, imaginá-la.

Antônio Morais Silva, no Grande Dicionário da Língua Portuguesa, refere-se ao Sertão como “o coração das terras”, o interior, oposto ao marítimo, o que se toma por “mato longe da costa”. No mesmo sentido, Moacir Silva (1950) e Albuquerque Júnior (2019) nos contam que, até o início do século XX, o Sertão compreendia todas as terras que ficavam longe do mar e das aglomerações urbanas que se distribuíam por todo o litoral brasileiro. O Sertão “estava em todas as províncias, em todos os estados, terras que eram de todos, terras que eram de ninguém” (Albuquerque Júnior, 2019, p.21). Assim, nada tinha a ver com a noção de deserto (aridez, secura, esterilidade) mas sim com a de “interior”, de distante da costa (Filho, 2011), que rapidamente passa a ser retratado como lugares ermos e pouco povoados, o que vai consolidando a imagem do Sertão como um grande vazio.

Em seu livro *Como se faz um deserto*, a artista Marina Camargo (2013) encontra nos registros cartográficos realizados pela Coroa portuguesa essa mesma ideia de vazio, produzida também a partir de mapas. Neles, o litoral era desenhado e enriquecido com informações, enquanto a região interior era representada como um grande espaço descampado e vago.

Imagem 02: Nova et accurata Brasiliae totius tabula, publicado por Joane Blaeu, 1640.



Fonte: Camargo (2013).

Nas palavras de Willi Bolle (2004), até o início do século XX, o Sertão era o oposto do litoral urbanizado e “civilizado” no Brasil, o que é reforçado por Albuquerque Júnior (2019) quando nos lembra que “o Sertão era visto e dito na literatura, nos discursos parlamentares e no discurso jornalístico como o outro da civilização, do progresso, do adiantamento, da ilustração” (Albuquerque Júnior, 2019, p.21). Vão-se construindo, portanto, as narrativas oficiais calcadas nas relações entre litoral/Sertão, urbano/rural, civilizado/bárbaro, moderno/atrasado, que acabam por estigmatizar o Sertão como o “outro” da cidade, o “outro” da civilização, o “outro” do Brasil. Dessa maneira, enquanto lugar onde a civilização não alcança, o Sertão “precisava” ser inscrito num projeto de modernização nacional e por ele vencido, de modo que a civilização pudesse ser levada ao Sertão.

Essa imagem do vazio e do atraso então abriu brecha para que a paisagem real do Sertão fosse invisibilizada, e toda a vida presente e pulsante do lugar fosse ignorada frente à força do imaginário historicamente consolidado. A guerra contra Canudos, narrada por Euclides da Cunha no livro *Os sertões*, publicado em 1906, talvez tenha sido o ponto inicial dessa tentativa de subordinar o vivido do Sertão aos espaços de onde as narrativas oficiais emergiram. Nesse processo, o projeto de modernização nacional ganha força e tudo que foge à sua norma deve ser capturado, territorializado e sintetizado numa linguagem comum que tende a apagar a língua vernácula e suas variações. O lugar Sertão torna-se, aos poucos, uma região. Os signos

da modernidade proliferam. A ideia de vazio, que sustentou durante muito tempo o estigma do lugar deserto e despovoado, dá lugar a uma outra imagem, que configura o que chamamos de paisagem operacional.

A URBANIZAÇÃO DO SERTÃO E A PAISAGEM OPERACIONAL

Imagem 03: O Sertão da Pedra Redonda.



Fonte: Cruz (2024)

Imagem 04: Aproximação na imagem “O Sertão da Pedra Redonda”.



Fonte: Cruz (2024)

Ao olharmos a paisagem apreendida na imagem 03 vemos, ao fundo, como que se sobrepondo a todo o resto, uma grande massa marrom que sobe em direção ao céu. Um olhar desatento poderia nos dar a ideia de ser uma montanha, mas se percebermos sua linearidade compulsória e também as letras, que se inscrevem em alto relevo, veremos na Imagem 04 escrito “Barragem Pedra Redonda”, assim como o famoso letreiro que caracteriza o distrito de Hollywood, na Califórnia. Constatamos, entretanto, que se trata do talude de contenção da barragem. À frente dela, compondo de forma contrastante com a solidez da megaestrutura, um escape de água pulsante se liberta e parece se transformar em uma névoa que se integra ao céu e à paisagem. A barragem é de onde partimos nossa reflexão, considerando-a um signo do progresso e do processo de urbanização do interior do Nordeste, que vem configurando aquilo que entendemos como paisagem operacional.

Essa paisagem busca reconfigurar o que se entende como Sertão. O da imagem, localizado na região semiárida do Brasil, associado a um lugar de vazio e ausência — como demonstramos na seção anterior — é também relacionado à ideia de um lugar de condições adversas. Ao longo de muitos anos, devido a essas condições, como o clima quente e seco e o fenômeno da estiagem, característico do bioma Caatinga, a agricultura e a indústria modernas têm enfrentado grandes desafios para dominar e explorar esse espaço. Nesse enfrentamento, a tecnologia das barragens aparece como salvação ao problema da escassez de água, condição necessária para uma urbanização planetária (Brenner; Schmid, 2015).

A colonização do Sertão é um processo contínuo de controle e exploração do espaço. Desde o século XVII, as potências coloniais visavam domar essa terra “selvagem”. No início do século XX, esse ideal foi atualizado pela criação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (1909), que depois se tornou o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (1945). O Sertão passou a ser visto como algo a ser subjugado por uma nova estrutura de planejamento conhecida como região Nordeste. Sob o olhar do projeto desenvolvimentista, essa “invenção” visava transformar o Semiárido em algo “salvável”, impondo a domesticação e a transformação da paisagem (Medeiros, 2019).

Além da paisagem, as condições sociais, como as de trabalho e solidariedade, também são atacadas e desterritorializadas (Deleuze; Guattari, 2012). Como ensina Santos (1999, p. 24):

O rural submetido às leis da globalização convoca os participantes do trabalho rural a uma atitude de subordinação a essas normas, porque sem obediência a estas eles serão excluídos. Assim, a primeira coisa que o agricultor de uma área moderna terá de fazer, se quiser sobreviver, é obedecer, como num exército, à palavra de ordem. (...) obediência indispensável do produtor a uma cadeia técnica que responde a uma demanda econômica que cria nele comportamentos regulados, de tal forma que excluem a ideia que se possa ter de prática da solidariedade.

Frente às tentativas de desterritorializar os laços sociais constituintes do Sertão, seria interessante retomarmos algumas perguntas fundadoras desta epopeia: Por que urbanizar o Sertão? Para quem a urbanização serviria? A primeira resposta já foi abordada com maior

profundidade por Francisco de Oliveira (1993), no livro *Elegia Para uma Re(li)gião. Sudene, Nordeste. Planejamento e conflitos de classe*, ao afirmar que a urbanização justifica um projeto desenvolvimentista. Esse projeto, por sua vez, serve às grandes cidades, que abarcam os principais centros de poder e que necessitam que a máquina do capital não pare. Assim, há a necessidade da criação de novos “moinhos” para justificarem suas expedições e lutas. Quando isso ocorre no Sertão, o resultado desse processo é a invisibilização, estigmatização e apagamento dos modos de vida sertanejos. O Sertão aparece como uma terra virgem a ser salva da selvageria e do abandono. Neste sentido, as perguntas que questionam o porquê da urbanização e para quem ela serve seriam melhor reformuladas na questão “contra quem?”.

Ousamos respondê-la, afirmando que ela atua contra um modo de vida que se relaciona de uma forma diferente com a natureza. Essa relação se constrói a partir de outros laços de sociabilidade e solidariedade, formando algo dissonante daquilo que é imposto como ideário pela maquinaria capitalista de fazer cidades.

Desta forma, nossas inquietações ressoam junto a Francisco de Oliveira (1993), que nos explicou como o processo de urbanização do Nordeste ocorreu. O autor realiza uma análise crítica sobre a criação e atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), investigando o papel do planejamento regional como ferramenta da expansão capitalista no Brasil, especialmente no território do Semiárido nordestino. Para Oliveira (1993), a SUDENE se consolidou como um mecanismo que visava coordenar o desenvolvimento regional, mas acabou por acelerar a integração subordinada do Nordeste à lógica capitalista do Centro-Sul, reproduzindo, assim, as desigualdades regionais sob uma estrutura hierárquica e oligopolizada.

O autor argumenta que o planejamento, longe de resolver os conflitos regionais, como aqueles próprios ao Sertão, serviu como instrumento de racionalização da reprodução ampliada do capital, uniformizando práticas econômicas e sociais e promovendo o apagamento das práticas locais. Ademais, Oliveira (1993) sugere que a criação da SUDENE e sua política regional atendiam aos interesses da burguesia industrial e das grandes empresas estatais e transnacionais, presentes nas grandes cidades, promovendo a concentração de capital e homogeneização econômica. Dessa forma, o conceito de “Região” perde sua essência como um espaço diferenciado de produção e apropriação de valor, passando a ser apenas um território subordinado à expansão monopolista.

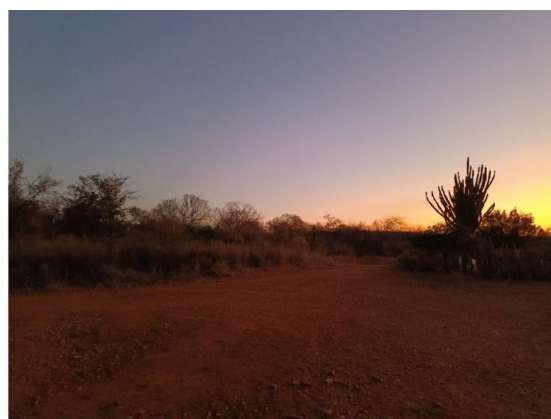
Além disso, Oliveira (1993) aponta que a criação da SUDENE, amparada pelo discurso de “segurança nacional,” aconteceu em um contexto em que as forças populares do Nordeste, como as Ligas Camponesas e os sindicatos, ameaçavam o *status quo* da elite agrária e industrial do Centro-Sul. Dessa forma, o planejamento regional se revelou como um aparato de controle ideológico e político, garantindo a reprodução da hegemonia capitalista e a centralização de recursos em detrimento do desenvolvimento genuíno e autônomo do Nordeste, em prol da urbanização planetária e da configuração das paisagens operacionais.

Tais paisagens são vistas como as “últimas tecnologias de desenvolvimento sustentável” (Medeiros, 2019), como o signo da barragem presente na imagem de abertura desta seção. Além da barragem, a transposição de bacias hidrográficas, a agroindustrialização, a mineração, a instalação de torres de energia eólica em terras de pequenos agricultores, a entrega de terras públicas para produção de sementes transgênicas, a concentração de terra, a pecuária extensiva, a exploração do trabalho, o envenenamento e a salinização de frágeis cursos d’água correspondem a um processo contínuo de aprimoramentos tecnológicos que são as armas da colonização do Sertão (Medeiros, 2019). Logo, a urbanização que se revela nas paisagens operacionais tem como base a tecnociência capitalista.

Nesse campo, como colocou Oliveira (1993), insere-se também o planejamento enquanto técnica que pensa a produção da cidade e a colonização do espaço. Além dele, atua também o urbanismo, cujos projetos desenvolvimentistas seguem dentro do paradigma do determinismo técnico. Ambos, planejadores e urbanistas, justificam e sustentam práticas globais de colonização em uma escala planetária que configura a paisagem operacional.

Contudo, insistimos num outro regime imagético e, conseqüentemente, numa outra paisagem. Voltemos às duas imagens, que abrem as seções 01 e 02, agora em montagem na Imagem 05:

Imagem 05: Montagem 01.



Fonte: Os autores, a partir das fotografias de Cruz (2024)

Ao dispormos uma ao lado da outra, notamos a vazão e o vazio como elementos em contraste, que evidenciam as paisagens em disputa no Sertão. Na imagem à esquerda, vemos a barragem enquanto um dispositivo que controla a “vazão” de um rio represado, impondo-se como técnica de solução e controle daquele território supostamente “vazio”. Contudo, é na própria imagem que percebemos algo que rompe a contenção: a vazante de água excedente da barragem, que se projeta além do tapume e se dissolve no ar, formando uma névoa. Esta névoa, por sua vez, dificulta o olhar, tal qual o próprio Sertão, capaz de nos confundir. Dizemos assim, com intensidade poética, que o Sertão faz vazar a paisagem operacional.

Jaz aí a dimensão de mistério, tão forte na imagem à direita da montagem. Nela, há algo que se confunde no horizonte, como o cair do dia se misturando com a noite. Nesse sentido, buscamos tensionar a paisagem operacional. O Sertão, muito além de biomas e regiões específicas, dos estigmas e estereótipos que lhe foram imputados, constitui-se como uma espécie de limiar, como a própria imagem sugere. Ele passa a reivindicar

Seu caráter fronteiro, que desatrele sua existência de uma região geográfica e sociopolítica específica. Mais que um lugar, essa condição Sertão é a travessia. Espalha-se Brasil afora, está no manejo do roçado, supera-se na viela da favela, desce pelo leito do rio, está escrita nos muros da cidade e presente na terra retomada. Manifesta-se nos encontros e nos conflitos (REBOUÇAS, 2019, p.23).

Lembremos, com Benjamin, que a imagem nunca é um passado emoldurado. A força do conceito de imagem é sua capacidade de operar conflitos. Segundo Rita Velloso (2023), que aproxima o pensamento benjaminiano ao campo do urbano, a dialética atribuída à imagem consiste na capacidade de “mostrar-se em profundidade na transitoriedade” (2023, p. 134). Ou seja, o movimento dialético da tensão que se evidencia em contradições pode ser visto na montagem elaborada, em que as imagens perdem seu estatuto de enquadramento fixo, abrindo-se para uma configuração intrincada, onde diferentes experiências ou camadas históricas coexistem. O Sertão, nesse sentido, para além de um lugar-do-vazio, ainda assim comporta todo o mistério que se apresenta naquilo que é longínquo e desconhecido. Ele subsiste nos muros das cidades, na descida murmurante do leito dos rios, em encontros, conflitos e modos de vida que insistem em sobreviver. O Sertão se mostra de maneira profunda nas suas veredas e ritmos, e assim, abre-se para uma configuração intrincada.

AS IMAGENS DISSONANTES E AS PAISAGENS DA RESISTÊNCIA

Imagem 06: Desmancha: a primeira carga de mandioca.



Fonte: Cruz (2023).

Imagem 07: Desmancha: descanso da goma nas bacias.



Fonte: Cruz (2023).

Imagem 08: Parafernália da desmancha.



Fonte: Chemello (2023).

O entardecer novamente se faz presente e o sol poente marca o horizonte do Sertão. Em tensão com a imagem 03, que abre a seção anterior e que mostrava o grande aparato tecnológico da barragem, nas imagens 06 e 07 vemos rastros de uma tecnologia distinta. Materiais e instrumentos nos indicam a prática da “desmancha” da mandioca. Trata-se de um evento coletivo agenciado pelas comunidades locais, consistindo em um conjunto de ações para realizar a colheita e o processamento do tubérculo. O cair da tarde anuncia o avançar de um ritmo de trabalho e da expectativa do seu produto: a farinha de mandioca e o beiju de forno⁵. Aqui, essa prática coletiva agencia uma diversidade de mãos que “rapam” o tubérculo e o desmancham para levá-la ao forno, de ouvidos que se doam frente a tanta contação de histórias, e da língua, que trabalha no mesmo ritmo das mãos ao tecer narrativas do Sertão. São visibilidades e discursividades agenciadas que parecem criar uma distinção entre o tempo do progresso e o tempo do Sertão.

Essa é apenas uma dentre tantas práticas baseadas na convivência que as comunidades locais da região adotam. Práticas essas que vão na contramão do modelo de dominação capitalista hegemônico, em que o trabalhador é alienado do seu produto de trabalho. No Sertão, em vez de tentar subjugar o ambiente, as comunidades experimentam formas de adaptação e cooperação com a natureza local, como nos lembra Rondinelly Medeiros (2019). Assim, se o capital e seu modelo de urbanização hegemônico produzem paisagens operacionais em solo sertanejo, visíveis, por exemplo, a partir do signo da barragem, a desmancha da mandioca fura essa lógica ao se constituir na dimensão da experiência. Esse

furo operado por ela nos permite apreender e sustentar a coexistência de paisagens da resistência.

A simplicidade das comunidades locais que abrigam a prática da desmancha em suas casas de farinha, longe da ideia de atraso ou de algo arcaico, como o olhar marginalizante que o planejamento desenvolvimentista tradicionalmente costuma lhes atribuir, constitui uma potência, uma riqueza cultural e tecnológica. Nessas comunidades, agricultores de diferentes áreas se reúnem para intercâmbios de experiências, trocando saberes e técnicas agrícolas que reforçam práticas alternativas à monocultura latifundiária⁶. As mulheres, os homens e as crianças transformam a matéria cultivada em alimentos variados para sua subsistência, construindo uma agricultura voltada para a agrobiodiversidade e uma relação de convivência sustentável com o Sertão. Seguem, assim, outros caminhos às “invasões culturais” (Freire, 1983) que as tecnologias do planejamento e da urbanização planetária têm realizado na região. Mais que uma atividade econômica, a desmancha simboliza a autonomia e a convivência dos sertanejos com seu ambiente, mostrando que soluções macroestruturais e assistencialistas vinculadas à economia capitalista global não são a única alternativa possível.

Nas paisagens da resistência, a relação entre homem e natureza muda: o Sertão não é um ambiente a ser colonizado, mas um espaço de trocas contínuas e de invenção de técnicas adaptativas conforme as necessidades e a ecologia local. Se a invasão cultural proveniente da modernização produz sujeitos alienados, nessas práticas locais acontece um outro processo, de conscientização. Nas palavras de Pinto (2005), existe uma capacidade de consciência crítica que se daria aos sujeitos ao utilizarem suas técnicas para construir seus modos de vida. Tal processo estabelece uma reflexão sobre seu próprio saber-fazer e a natureza, desencadeando uma outra forma de ler o mundo, resultado de uma experimentação singular própria desses sujeitos com seu lugar.

Voltemos ao processo da desmancha. Na imagem 08, um novo dia raiou. O material que foi utilizado para transformar a mandioca em farinha e beiju se encontra organizado, à espera para ser guardado, até que a comunidade novamente se reúna e dê início a um novo ciclo de trabalho. Para além das ferramentas, sobrou, no primeiro plano da imagem, o rádio. Equipamento praticamente em desuso no cotidiano dos habitantes das grandes cidades e, por isso, considerada uma tecnologia ultrapassada e obsoleta frente à nova era digital, ele nos leva a pensar nos modos de vida que habitam ali e que experimentam um outro ritmo, outro tempo, um tempo lento — nos termos de Milton Santos (2001) —, dissonante do tempo da cidade urbanizada. Falamos aqui não de um Sertão que desconhece e nega, ingenuamente, a modernidade, mas de um Sertão que nos conta que estar atento ao que acontece no mundo não significa renunciar o seu ritmo próprio. Um Sertão que se faz resistência nos lembrando que “é de fato moderno aquele que sabe guardar algo da história de si”. (Moraes, 2019)

Se nas cidades um rádio daquele tipo é praticamente um objeto de antiquário, no Sertão ele ainda está em agenciamento, ou em assembleia — como coloca Anna Tsing (2022) — e se faz presente nas práticas de trabalho locais, marcando a passagem do tempo, que ocorre de forma coletiva. O rádio, junto com as com as cantorias e as trocas de saberes dos sertanejos, configura um processo de territorialização singular (Deleuze; Guattari, 2012), que acontece à maneira de uma partitura de música, com seus momentos de lentidão e aceleração, com seus versos mais singelos e seus refrões. Esse processo de territorialização é uma forma de comunhão coletiva, que estabelece nos múltiplos eventos que ocorrem no tempo um princípio de ordem, gerando uma sensação de se “estar em casa”. O rádio anima e fomenta o clima de festa. Além de ser um modo de escuta das notícias locais e também daquelas que lhes chegam por ondas distantes, ele nos aponta, ainda, para a dimensão da oralidade, que é uma das principais formas de transmissão da memória e do saber no Sertão. Assim, entre sua escuta e o embalo da música, entre as mãos que colhem e processam a mandioca, entre as trocas de afeto e práticas de solidariedade que ocorrem, histórias são narradas e compartilhadas. Experiências são transmitidas. São elas que nos permitem afirmar, em última análise, a sobrevivência e a existência das paisagens da resistência no Sertão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imagem 09: Montagem 02.



Fonte: Os autores, a partir das fotografias de Cruz e Chemello (2023-2024).

Para concluirmos nossa argumentação, é necessário retornarmos às questões colocadas na introdução do texto, que guiaram nosso pensamento e escrita: Por que o Sertão é tomado como um espaço a ser constantemente transformado e urbanizado, desrespeitando assim suas características locais? Como a urbanização planetária se torna visível na paisagem do Sertão? Quais são as paisagens em disputa nesses espaços e lugares frente a uma urbanização planetária? Nas paisagens do Sertão, o que resiste à lógica da urbanização planetária? Para responder a problemática colocada, operamos com o método da montagem, detendo-nos sobre uma série de imagens das paisagens do Sertão oriundos de um arquivo fotográfico. As imagens selecionadas se encontram em montagem na Imagem 09, dando a ver a configuração dissonante presente nas paisagens do Sertão.

A primeira pergunta nos faz refletir sobre o fenômeno constante que busca domesticar e colonizar o Sertão, transformando-o em um lugar que precisa ser salvo pelo progresso e pela modernização, e que tem a urbanização como uma de suas facetas. Tal questão nos remeteu a revisitar um imaginário social e cultural que cristalizou a imagem e a ideia do Sertão no sentido das ausências e das distâncias, como foi apresentado na Seção 01. Diante da consolidação das narrativas oficiais que sempre o retrataram como um local atrasado, distante, pouco povoado, configurando-o como um grande vazio, levar a “civilização” ao Sertão sempre pareceu a justificativa mais acertada para a perpetuação de um projeto pautado na “matriz antropocêntrica da rasa narrativa colonizadora” (Medeiros, 2019). Rasa porque busca simplificar a profundidade dessa paisagem numa imagem cristalizada: a da solução pelo progresso.

Na tentativa de vencer o Sertão e, para tanto, combatê-lo, foram atualizadas técnicas de colonização que, agora, encontram nos dispositivos de urbanização — a exemplo das grandes obras das barragens — a consolidação de uma paisagem operacional. Ou seja, o Sertão passa a ser visto, mais uma vez, como um território posto a operar em favor daquele projeto colonial. Neste sentido, percebemos, nas imagens 03 e 04, os signos de progresso que buscaram subjugar, sob o pretexto da modernização, o Sertão. A análise crítica dessas imagens, através da montagem como disparo metodológico, pautou a reflexão sobre como a urbanização planetária se torna visível na paisagem do Sertão, respondendo a nossa segunda questão. Esse processo, que não se separa da mercantilização do espaço, criou, por exemplo, uma indústria da seca, visível na imagem da barragem. Esses impactos, decorrentes da urbanização planetária, impõe um processo de homogeneização — em que a urbanização é apenas um segmento dessa maquinaria — que transforma os territórios do Sertão em paisagens operacionais voltadas à acumulação de capital.

Tal mecanismo, operado pela urbanização planetária no Sertão, desencadeia uma disputa que se expressa na paisagem. Levar adiante tal reflexão é urgente para que possamos compreender esse fenômeno como uma constante atualização de uma estrutura colonial que insiste em vencer e atravessar aquele espaço supostamente “vazio” na maior velocidade possível. É urgente também no sentido de tensionar histórias e culturas em disputa, que têm nas cidades e no urbano um lugar privilegiado. Nossas reflexões foram conduzidas, então, pelas inquietações acerca de uma urbanização planetária que incide sobre o Sertão de modo a não diferenciar escala, tempo e espaço de cada lugar. Ou seja, buscamos compreender, ainda, como o processo de produção hegemônica do espaço — a partir dos signos de progresso e modernização — se dá numa intensidade que visa apagar as singularidades e os modos de vida inerentes a esses lugares e suas gentes. Entendemos que nessa tensão entre diferentes perspectivas de mundo reside a potência para diferenciarmos a paisagem operacional e as paisagens da resistência do sertão.

Encontramos, por fim, nas paisagens da resistência, um Sertão que escapa à lógica da urbanização planetária. Tal fuga se dá a partir de práticas locais que se constroem na

dimensão da experiência. Como nos lembra Júlia Rebouças (2019, p. 23-25), “se o imaginário de um certo senso comum trata sertão como vazio, aridez, aspereza ou indigência, a ele confrontam-se as acepções de vitalidade, força e criação, gestadas a partir de uma ordem de saberes e práticas que desafia o projeto colonial em suas reiteradas tentativas de submissão”. Uma dessas práticas, que resiste ao processo de homogeneização, é a desmancha da mandioca, apreendida nas imagens 06, 07 e 08. Com ela, evidenciamos modos de vida baseados na solidariedade entre si e com a natureza, que vão na contramão da desconsideração dos saberes locais realizada pelo planejamento urbano tradicional, e que respondem a nossa última pergunta, que se interroga acerca daquilo que resiste à lógica da urbanização planetária. Durante a desmancha, a comunidade local transmite experiências e mantém viva a memória de um povo. Nesse trabalho de memória coletiva, há uma articulação de mundos, tempos e espaços que se reinventam para além dos que foram impostos para dar sequência ao progresso.

Assim, a coexistência entre as paisagens operacionais e as da resistência ilustra a luta simbólica e prática entre a modernização que ocorre a nível global e a sobrevivência de modos de vida tradicionais. A compreensão desse conflito foi possibilitada pela ideia de imagem dialética operada por meio da abordagem metodológica da montagem, inspirada em Walter Benjamin. Ao ser utilizada no texto, ela permitiu confrontar narrativas históricas oficiais e abrir caminhos para uma leitura crítica da história e das paisagens do Sertão. As imagens como operadoras de conflitos e narrativas históricas oficiais foram fundamentais para a apreensão das múltiplas dimensões das paisagens do Sertão.

Nesse sentido, consideramos que o Sertão foi, com seus signos de modernização, mas também de encontros e diferenças, um lugar fundamental ao raciocínio da imagem dialética, pois nos direcionou a pensar o sentido de sobrevivência em paisagens da resistência. O mais fugaz de um pequeno instante pode se revelar como uma fonte profícua ao pensamento crítico. Uma tensão entre aspectos contrários pode não se dar por resolvida, simplesmente, como um direcionamento produzido pela pretensão de solução. O Sertão pode ser um lugar onde o ritmo do trabalho se implica ao horizonte de uma paisagem da resistência, comum, festiva e ancestral, mas fundamentalmente uma paisagem “presente”. Paisagem misteriosa e corajosa, em que homens e mulheres sertanejas enfrentam a adversidade do território marcado pela disputa, de narrativas e sobrevivências.

Essa disputa não se esgota em uma experiência visual, pois a imagem dialética é a um só tempo a concretude imediata do real, uma fresta que deixa escapar um passado em reivindicação, e a exigência de um futuro, sempre outro, para além do amortecimento homogêneo das coerções impostas pela modernização e o processo civilizatório. Como salientamos anteriormente, o Sertão também flui no curso murmurante dos rios e nos muros das cidades, configurando-se em uma paisagem intrincada. Ele está no horizonte do dia que se confunde com a noite, naquilo que irrompe e se faz vazar, no acalorado do passar das

horas, no sol que faz apertar a vista e na lua que se insinua sobre o final do dia. No Sertão as histórias também se contam com as mãos: entre muitas mãos, diferentes veredas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. "O rapto do Sertão: a captura do conceito de Sertão pelo discurso regionalista nordestino". **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo: Itaú Cultural, n. 25 (maio/novembro 2019), p.21-35.

ANTÔNIO FILHO, Fadel David. "Sobre a palavra 'Sertão': origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da Ciência Geográfica)". **Revista Ciência Geográfica** - Bauru. Ano XV, Vol. XVIII, nº.1, Janeiro/Dezembro, 2011.

BENJAMIN, Walter. "N - Teoria do conhecimento, teoria do progresso". *In*: **Passagens**. Organização da edição brasileira Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

BRENNER, Neil, SCHMID, Christian. "Towards a new epistemology of the urban?" **City**, vol.19, n. 2-3, p. 151-182. 2015

BRENNER, Neil. "A hinterlândia, urbanizada?" *In*: **Espaços da urbanização: o urbano a partir da teoria crítica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2018.

CAMARGO, Marina; *et al.* **Como se faz um deserto**. Porto Alegre: M. Camargo, 2013.

CRUZ, Patricia Fernanda de Sousa. "**Cidade acaba com o sertão. Acaba?**": narrativas de um fim de mundo, lugar-sertão. Pesquisa de doutorado (em andamento). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, 2023.

DAGNINO, Renato (org.). **Tecnologia social: ferramenta para construir outra sociedade**. 2. ed. Campinas, SP: Komedi, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4**. São Paulo: Editora 34, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. "O olhar contido e o passo em falso". *In*: **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin e os cacos da história**. São Paulo: Editora n-1, 2018.

GARBER, Klaus; GAGNEBIN, Jeanne Marie. "Por que um mundo nos detalhes do cotidiano?". **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 15, p. 38-47, 1992.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MEDEIROS, Rondinelly Gomes. "Mundo quase árido". **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 21-37, 2019.

MORAES, Fabiana. "De plásticos, carícias e carcarás". In: **36 Panorama de Arte Brasileira: Sertão**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2019.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista/ O ornitorrinco**. São Paulo, Boitempo, 2003.

PINTO, Álvaro. **O Conceito de Tecnologia, vol. 1**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

REBOUÇAS, Júlia. "Sertão". In: **36 Panorama de Arte Brasileira: Sertão**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2019.

SANTOS, Milton. "O território e o saber local: algumas categorias de análise". In: **Cadernos IPPUR**, ano XIII, nº 2: 15 - 26, ago-dez, 1999.

SANTOS, Milton. "O elogio da lentidão". **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 de março. 2001.

SILVA, Moacir M. F. "A Propósito da Palavra 'Sertão'". **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro, Ano VIII, nº 90, 1950.

TSING, Anna. **O cogumelo no fim do mundo**. São Paulo: n-1 edições, 2022.

VELLOSO, Rita. "Constelação-cidade". In: JACQUES, Paola; VELLOSO, Rita. **Enigma das cidades: ensaio de epistemologia urbana em Walter Benjamin**. Belo Horizonte: Cosmópolis, 2023.

¹ Grupo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mais informações estão disponíveis na seguinte página: <https://www.ufrgs.br/poiese/>

² Essa associação com os "cacos da história", ou seja, seus fragmentos residuais enquanto possibilidade outra da composição da perspectiva histórica, remete ao raciocínio de Jeanne Marie Gagnebin, referência nos estudos benjaminianos no Brasil, especificamente no seu livro "Walter Benjamin: os cacos da história" (GAGNEBIN, 2018), publicado originalmente em 1982.

³ Trecho da música *Meu amorzim*, de PC Silva, que compõe o álbum *Amor, Saudade e Tempo*, lançado em 2020.

⁴ As espécies de nome científico *Cereus jamacaru* e *Cnidoscolus quercifolius*, conhecidas, respectivamente, como mandacaru e favela são cactáceas nativas da Caatinga, bioma exclusivamente brasileiro, que compõe a região do Semiárido nordestino.

⁵ De origem indígena, o beiju é um alimento preparado com o amido da mandioca, chamado de goma, que é outro produto da desmancha. Uma vez que a goma é peneirada e adquire uma consistência granulada, ela é espalhada e assada no mesmo forno em que a torra da farinha acontece. Feito o beiju, logo ele é repartido entre a comunidade local.

⁶ As práticas de cultivo e da desmancha da mandioca que essas famílias sertanejas desenvolvem podem ser compreendidas a partir do que Dagnino (2010) chama de tecnologia solidária. Nela, os recursos do bioma são utilizados de maneira multilateral para prosperar, mas de uma forma diferente que a concebida pela forma convencional da economia capitalista, e seriam a base para formação de uma economia solidária.